
Espaço, Arquitetura e Poder, uma equação variável – três exemplos na obra do arquiteto Francisco de Oliveira Ferreira

Manuel Ferreira da Silva*

Nota prévia

Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957) nasceu em S. Nicolau, junto à Ribeira, formou-se no Porto em 1909 e aqui iniciou um percurso indissociável das transformações que a cidade então atravessava. Pertencente a uma geração designada de transição ou ‘de compromisso’, e movendo-se num enquadramento cultural e ideológico contraditório, foi um arquiteto solitário e nem sempre cronologicamente alinhado, apesar de, e como tal, ser um arquiteto do seu tempo. Em Gaia assinou projetos de dois dos mais importantes equipamentos de tratamento da tuberculose óssea, o que lhe proporcionou a possibilidade de elaborar um plano para os integrar numa malha urbana de arruamentos a abrir entre ao apeadeiro do caminho-de-ferro e a praia –o Sanatório Marítimo do Norte de 1916 e de Heliântia de 1926-1929, ambos em Valadares, e ligados ao profundo empenho do Dr. Joaquim Ferreira Alves na helioterapia como tratamento anti – tuberculose em instalações sanatoriais. Ainda em 1916 foi aprovado o seu Plano de arruamentos da Praia de Valadares, procurando dotar a zona «de um traçado viário que garantisse a cómoda e rápida acessibilidade» e «regularidade estética aos terrenos confinantes» com o Sanatório Marítimo do Norte, conforme parecer camarário. Foi autor dos Paços do Concelho de Vila Nova de Gaia e ainda de múltiplas habitações burguesas urbanas e de veraneio nas praias de Valadares e France-los, o que justificou que o intitulassem como «O Arquiteto de Gaia» na exposição comemorativa do cinquentenário da sua morte. Grande parte da sua obra acusa a colaboração íntima do irmão estatuário José de Oliveira Ferreira iniciada ainda em 1909 com o concurso para o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular, em Lisboa.



FIG. N.º 1 – PERSPETIVA DA PRAÇA DA LIBERDADE E AVENIDA DOS ALIADOS, TENDO COMO FUNDO O EDIFÍCIO DOS NOVOS PAÇOS DO CONCELHO, 1946. CIVITAS.

As obras

A primeira obra a focar, a Câmara Municipal de Gaia (1916-1925), foi implantada num cruzamento – convergência de vias – que se viria a tornar um nó concentrador de vivências e percursos e um ponto referencial marcante nas vivências da futura cidade.

O segundo caso, o Club Os Fenianos poderá ser tratado como exemplo de articulação entre espaços urbanos, entre o poder de atração do novo ‘centro cívico’ e o que lhe escapa, ou lhe fica de fora porque excluído.

A terceira obra, a Clínica da Avenida, ou Clínica Dr. Alberto Gonçalves, enquadra-se num alinhamento de alçados em que se integra sem qualquer destaque, mas distinta pelas suas particularidades, especialmente à escala de quem circula pelo largo passeio. A sua implantação implicou, pois, uma opção de ‘dissimulação’ no todo, partilhando o prestígio da convivência com outras obras e a aura do espaço comum de exceção na cidade, nova imagem do poder municipal.

O Porto e a Avenida no arranque do século XX

Enquanto se concluía a construção da Estação de S. Bento, estação terminal que se tornaria num nó fulcral da cidade, avançava o Plano de Melhoramentos e Ampliação da Cidade e discutia-se a configuração do novo centro cívico e respetiva localização do edifício dos Paços do Concelho – decidida por Marques da Silva –, o jovem arquiteto Francisco de Oliveira Ferreira iniciava a sua intervenção no núcleo central do comércio portuense, com obras que progressivamente constituiriam referências urbanas nos anos seguintes, como a remodelação e modernização da Ourivesaria Cunha (1912), junto à Gare Central de S. Bento, A Brasileira



FIG. N.º 2 – PERSPETIVA DA AVENIDA DOS ALIADOS COM O EDIFÍCIO DO CLUB OS FENIANOS, EM FUNDO.
FOTOGRAFIA DE DOMINGOS ALVÃO, ACPF.

(1913), e pouco depois a Casa de Câmbios, indissociável da imagem que a cidade adquiriu após a abertura do troço inferior da Rua de Sá da Bandeira. Trata-se de um caso em que o arquiteto articulou com inteligência o alçado maneirista da Igreja dos Congregados com o arranque da nova artéria, aproveitando um terreno exíguo de gaveto triangular e conferindo-lhe uma imagem de grande perceptibilidade e eficácia representativa num ponto de confluência de grande movimento e foco de todos os olhares, junto à nova Estação Central.

O projeto de modernização da cidade, implicava a monumentalidade de um conjunto urbano capaz de romper com o acanhamento das vias e espaços públicos tidos como provincianos. Ainda num prolongamento de oitocentos, prevalecia, pois, a orientação por valores da representação e significado social burguês.

A Avenida de Gaia e a nova Câmara

Mas em 1916, Francisco de Oliveira Ferreira encontra-se em Gaia, onde a par do desenvolvimento da obra do Santório Marítimo do Norte (Valadares), vê aprovado o projeto para os Paços do Concelho, a construir num terreno de gaveto com frente para a então recentemente aberta Av. Marechal Carmona (hoje, da República) artéria de importância urbana crescente – um *boulevard chic* – após a conclusão da ponte Luís I. Transversal, a rua de Álvares Cabral confluía com a Avenida, ligando todas as vias anteriormente mais importantes e em especial as fábricas de cerâmica e a Estação ferroviária das Devesas, ao novo eixo estruturante norte-sul – de acesso ao Porto pelo tabuleiro superior da ponte – pavimentado a paralelepípedo até ao topo sul em 1934, por altura das comemorações do primeiro centenário do município. Foi aliás o prestígio adquirido pela Avenida

que motivou a deslocação dos Paços do Concelho para este ponto de confluência. Mais tarde, e até à construção da Ponte da Arrábida, seria a saída principal para sul, designada Estrada Nacional 1, e em torno da qual se desenvolveu uma forte ocupação habitacional, numa primeira fase até à Câmara, e depois, nos anos 1960 e 1970, no troço sul.

O edifício viria a caracterizar o sítio através da sua composição tripla dos alçados organizados a partir do eixo do gaveto, enfatizando a nobilitação da entrada principal, encimada pela escultura do Rei Ramiro – redescoberto herói da fundação de Gaia. À sua volta, em resultado da subida continua do valor imobiliário dos terrenos, e conseqüente construção de palacetes com jardins, foi aumentando a atividade urbana, aglutinando-se serviços e confluindo fluxos até à saturação.

Os Fenianos

De volta ao Porto, e depois de lamentar, desarmado, a atribulada ‘substituição estilística’ do seu projeto de estilo manuelino para o edifício de A Nacional, pelo de Marques da Silva, ainda em 1919, Francisco de Oliveira Ferreira faz entrar na Câmara Municipal do Porto o projeto para a sede do Club Os Fenianos Portuenses, aprovado em maio de 1920. O cenário era agora a Avenida Nova, ou Avenida da Cidade como os portuenses lhe chamaram, onde arrancou igualmente a partir desse ano, a construção da nova Câmara que viria a tornar-se omnipresente polo focal e, autêntico objeto de referência urbana em concorrência com a Torre dos Clérigos.

O projeto destinava-se a instalações do Club e dependências para rendimento e apresentava uma altura média de dezanove metros de fachada. Neste caso foi a integração urbana do edifício a prioridade, formando o crescente lateral da Praça do Município, destacando do conjunto o setor de ligação com a Praça da Trindade, em aproximação às propostas de Barry Parker; sob ponto de vista arquitetónico verifica-se igualmente uma autonomização face ao conjunto da Avenida, não só a nível formal mas pela acertada escala do edifício em convivência esquiva com os futuros Paços do Concelho, de Correia da Silva, então em arranque de construção (Fig. n.º 2). Só três décadas depois se fecharia, em réplica então polémica mas naturalmente moderna, o simétrico lado nascente com o Palácio dos Correios de Carlos Ramos. Fenianos e Correios são, pois, duas obras datadas e como tal distintas, mas com semelhante intenção: assumirem a rutura com um conjunto dominante explorando as potencialidades da área de implantação. Muito perto, igualmente nos anos 1950, Viana de Lima veio a intervir no bloco de gaveto de Rua Rodrigues Sampaio com a Cancela Velha, assumindo uma modernidade, antes entrevista por Oliveira Ferreira ali muito próximo nas traseiras da Clínica em 1929.

Em «Os Fenianos», a implantação permite escapar lateralmente ao cenário de fecho da Avenida, ganhando maior liberdade estilística e significativa autonomia. Convive, pois, a vizinhança do poder, sem dele participar. Refira-se o carácter republicano, popular e democrático que esta instituição sempre assumira; a ela estavam ligadas personalidades independentes e civicamente ativas ligadas ao comércio, indústria e atividades liberais, como os irmãos Ferreira Alves, com um papel determinante no desenvolvimento do percurso como arquiteto de Francisco de Oliveira Ferreira.



FIG. N.º 3 – CLÍNICA DR. ALBERTO GONÇALVES INTEGRADA NO ALINHAMENTO DO ALÇADO NASCENTE DA AVENIDA DOS ALIADOS. APMMFS.

A Clínica

Dez anos depois Oliveira Ferreira voltaria ainda a intervir nesta zona com o projeto da Casa de Saúde Dr. Alberto Nogueira Gonçalves. São escassas e pouco significativas as referências a estas obras, o que talvez se explique pelo relativo desconhecimento do papel que o arquiteto desempenhou no Porto, em contraposição com a notoriedade de Marques da Silva como ‘Arquiteto da Avenida’. Este, como Presidente da Comissão de Estética, dando pareceres do ponto de vista artístico sobre o que se construía, exerceu uma influência determinante na imagem final de conjunto, mesmo considerando obras de exceção como a Caixa Geral de Depósitos do arquiteto lisboeta Porfírio Pardal Monteiro.

Condicionada por um gosto de conjunto, a Clínica alinha-se em consonância com os restantes edifícios ainda em obra, numa das alas da luxuosa Avenida – em contraponto com ruelas tortuosas e sombrias que veio substituir – integrando um conjunto organizado em convergência e simetria de um eixo prolongado pela torre da sempre visível Câmara do Porto; dissociava-se assim a imagem da instituição médica enquanto representação, das funções específicas da instituição enquanto equipamento.

Era uma encomenda que visava criar em contexto urbano a primeira clínica moderna e bem equipada, com objetivos essencialmente lucrativos. A Avenida das Nações Aliadas era, pois, uma escolha estratégica. Com esta obra, o seu terceiro projeto para este palco de confronto e visibilidade social de instituições e arquitetos, Francisco de Oliveira Ferreira encerra um ciclo de intervenção significativa na zona central da cidade. Beneficiando de duas experiências em equipamentos sanatoriais, concebia agora um equipamento em que, à necessária modernidade, distribuição espacial



FIG. N.º 4 – ASPETO DO ALÇADO POSTERIOR DA CLÍNICA DR. ALBERTO GONÇALVES. APMMFs.

e requisitos funcionais, teria de corresponder – ao contrário da Heliântia, de 1926 – um alçado adequado à ‘dignidade’ ainda oitocentista da envolvente arquitetónica e urbana, obedecendo ao gosto proposto por Marques da Silva, veiculando, pois, uma imagem de prestígio concordante com a localização. Resultou um alçado sóbrio e integrado num conjunto de pretendida unidade, mas individualizado face aos demais. No entanto o tratamento interno dos espaços comerciais ao nível da rua escondia uma modernidade improvável.

O alçado traseiro da Clínica, inversamente, revela-se depurado de qualquer referência estilística tradicional, denotando uma modernidade insuspeita (Fig. n.º 4) em atitude de assumida duplicidade, com equivalência na obra coeva de Rogério de Azevedo para a sede de O Comércio do Porto, cuja moderna garagem escassa visibilidade tinha, orientada que foi para a única via existente, a estreita Rua do Almada.

Gaia

No caso dos Paços do Concelho de Gaia é a arquitetura que se inscreve politicamente no território urbano em expansão, fundando uma identidade para um centro cívico e uma centralidade ainda inexistente promovendo a reminiscência da sua história medieval. Não só as lápides alusivas à História do Município mas ainda a escultura do Rei Ramiro encimando a frontaria, razoavelmente atribuível ao escultor José de Oliveira Ferreira – irmão do arquiteto e coautor do Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular em Lisboa – confere aos novos Paços de Concelho uma historicidade conveniente e consonante com o já aceite Estado Novo; o Pelourinho é disso uma confirmação, fazendo-nos lembrar mais o ‘largo’ de aldeia acanhado, lugar de confluência do povo, e de paragem



FIG. N.º 5 – ASPETO DO CRUZAMENTO EM FRENTE À CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA, DO LADO ESQUERDO, NOS ANOS 1940. AMSMB.

das camionetas do que um moderno e civilizado centro cívico. Impõe assim a nobilitação do espaço que o envolve como palco cerimonial que viria a revelar-se claramente inapropriado. Em 1934 inaugura-se formalmente o edifício, comemorando o primeiro centenário do município com grandes festividades que incluíram, no ‘largo fronteiro’ – pouco mais que um cruzamento com trânsito crescente – espetáculos de «vistoso fogo-de-artifício», subida de aeróstatos e a inauguração de um pelourinho perante setecentas crianças e ainda o descerramento das lápides colocadas na fachada do edifício; um pouco mais tarde, este mesmo pelourinho (Fig. N.º 5) seria abalroado por uma das, cada vez mais numerosas, camionetas de passageiros – apesar das «ranchadas de gente, dia após dia, pela Avenida abaixo» (Silva, 1992) – dando posteriormente lugar a um polícia sinaleiro. A utilização da Avenida e, em especial, do entroncamento fronteiro à Câmara como palco de festividades constituiu a única solução possível por carência de espaço de celebração para tal vocacionado, confirmando a importância do eixo viário da Avenida, que toda iluminada para a ocasião, se transformou temporariamente em palco dinâmico de cortejos, corridas de atletismo e espetáculos.

Recentemente, na última década do século XX, os municípios gaienses tiveram a oportunidade de descobrir uma outra face, a posterior, dos Paços do Concelho. A exiguidade de espaço e distância visual frente ao alçado principal fora apenas contrariada parcialmente nos anos 1970-1980 com a demolição de palacetes burgueses e construção de blocos de habitação coletiva a sudeste, recuados perante uma que uma nova praça que distendeu o espaço visual e limites do cruzamento.

De facto, tal como mais tarde se verificou na Clínica Dr. Alberto Gonçalves, foi uma abordagem estritamente funcional e descomprometida, alheia a qualquer critério de visibilidade pública, que lhe conferiu o carácter imprevisivelmente moderno. Assim, o lugar de referência central que sempre ocupou no mapa mental dominante da maioria da população ganhou hoje assim uma dupla e atualizada leitura.



FIG. N.º 6 – ALÇADO POSTERIOR DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA, 2008. APMMFS.

Verifica-se, pois, que, neste caso, o edifício foi conquistando e transformando a envolvente, previamente sem qualquer vocação celebratória, explorando-se assim a inversão da sua orientação dominante.

Ao contrário, o edifício dos Paços de Concelho do Porto foi projetado para coroar um espaço-palco que dele faz cenário ideal, servido pelas alas e assistido pelos edifícios Os Fenianos e Palácio dos Correios, elementos estes, de ligação, mas destacados do conjunto. Fachada e traseiras, visibilidade e ocultação, centro e margem, poder e a sua ausência, ecletismo e economia formal representação e funcionalidade, foram as variáveis que afetaram o valor e significados diversos destas obras em função da sua implantação no espaço urbano ao longo de um século.

*Centro de Estudos Arnaldo Araújo – Escola Superior Artística do Porto

Fontes e bibliografia

Cardoso, A., 1997 – *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura do Norte do país na primeira metade do séc. XX*. Porto: FAUP.

Civitas, revista da Câmara Municipal do Porto. 1946, 1948.

GOMES, J. C., 1984 – Teixeira Lopes e a sua Casa-Museu. *Boletim da ACAG*. 2 (16), mai., p. 4-9

Grafmeyer, Y., 1995 – *Sociologia Urbana*. Lisboa: Publ. Europa-América.

Homenagem do Município de Vila Nova de Gaia: Francisco d'Oliveira Ferreira – O Arquitecto de Gaia (1884-09-25/1957-12-30). Vila Nova de Gaia: Casa da Cultura, 2008.

Lynch, K., 2005 – *A imagem da cidade*. Lisboa: Ed. 70.

Muga, H., 2002 – *Representação social da cidade do Porto*. Porto: Edições Caseiras/Centro de Estudos Arnaldo Araújo/ESAP.

Mumford, L., 1998 – *A cidade na história-suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Norberg-Shulz, C., 1999 – *Arquitectura Occidental*. GG Reprints.

SILVA, F., 1992 – Minha Gaia de menino e moço. *Boletim da ACAG*. 5 (34), dez., p. 30-32.

Silva, M. M. F. da, 2005 – O arquitecto Francisco Oliveira Ferreira. Valladolid. Trabalho de investigação para obtenção do grau de Suficiência de investigação apresentado à Universidade de Valladolid.

Tavares, A. C., 2005 – *A Arquitectura anti-tuberculose: trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*. Porto: FAUP.

